

IDADE MÉDIA: CONTINUAR E INOVAR!

por Maria Eugenia Bertarelli.



**Dra. Vânia Leite
Fróes**

Vânia Leite Fróes é professora na Universidade Federal Fluminense desde 1968, tendo se tornado professora titular na área de História Medieval em 1996. Já coordenou a conceituada pós-graduação de história na Uff e participou da diretoria da Anpuh. Realizou por duas vezes seu pós-doutoramento na Universidade do Porto, em Portugal e lecionou nos cursos de pós-graduação nas universidades de Paris (França), de Las Palmas (Espanha) e no Porto (Portugal). Atualmente é coordenadora do *Scriptorium*-Laboratório de Estudos Medieval e Ibéricos, que funciona dentro da Universidade Federal Fluminense e reúne pesquisadores de diversas universidades e estados brasileiros.

A *Aquinate* agradece à Prof^ª. Vânia Leite Fróes pela entrevista e valiosa contribuição com as pesquisas e publicações nas áreas de História, Arqueologia e Filosofia da Idade Média. Da mesma forma, à Prof^ª. Maria Eugenia Bertarelli pela colaboração.

1. Como descobriu a Idade Média?

Eu não descobri a Idade Média propriamente, mas sim os tempos distantes. A leitura de Monteiro Lobato, tido como subversivo na minha época, me fez descobrir a história dos tempos mais distantes. No primeiro momento eu queria ser arqueóloga, algo romântico, mas não sabia com clareza se gostava da antiguidade clássica ou da Idade Média. No antigo ginásio já tinha claro que queria fazer história e também sabia que seria sobre um passado mais remoto. Mas ao mesmo tempo, talvez influenciada pelo meu pai, eu queria saber como poderia mudar a realidade que eu vivia através do passado. Hoje eu acho que a história não tem um papel de lição, e não vejo os tempos situados em longa duração como exóticos. Ao contrário, acho que o grande sabor da história é o encontro humano e a possibilidade de se conhecer múltiplas experiências humanas, aproximando-se delas com a compreensão de que é impossível reviver o passado, este está morto e enterrado. Como diz Paul Zunthor, devemos fazer a leitura crítica de uma época, sempre lembrando a subjetividade desta leitura.

2. Conte um pouco do percurso que a levou a dedicar-se ao Medievalo?

O percurso foi longo. Quando fiz vestibular e entrei para a Universidade Federal Fluminense ainda não estava claro qual seria minha escolha, até porque o setor de antiga e medieval naquela época era um só, estavam unidos. Além disso, era um setor bastante tradicional e conservador, ficava à margem em relação aos estudos na área de história do Brasil e história contemporânea.

Na universidade tive professores importantes que me influenciaram para o estudo dos tempos mais recuados e me iniciaram numa reflexão crítica a partir da leitura dos historiadores dos Annales. Esse foi um legado importante, nessa época conheci os grandes clássicos como Marc Bloch e Henri Pirrené. Por outro lado, tive uma formação em antropologia bastante instigante com forte influência dos pesquisadores que na ocasião atuavam no Museu Nacional. Eles me ajudaram a pensar questões como relatividade, cultura, identidade e alteridade, num momento que praticamente não se falava disso, na ocasião lemos Durkheim, Lévi-Strauss... Ainda do ponto de vista da formação é importante falar do marxismo (ainda que sem a flexibilidade que adquiri posteriormente) que eu e meu grupo de estudos lemos no final de década de 60 e 70. Por falar em grupo, convém mencionar a importância fundamental do grupo de estudos que se formou na universidade (gostamos tanto que até hoje nos reunimos para discutir história e antropologia), composto por Wagner Rocha e a professora Ismênia Martins, de cuja amizade e troca intelectual desfruto até hoje.

Essa convivência tão estreita de troca intelectual me inspirou na formação de grupos que deram origem ao *Scriptorium*- Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos, que coordeno atualmente.

Sobre a Idade Média propriamente dita, a leitura de Marc Bloch me encantou muito. Quando comecei a dar aula atuei na área de antiga e medieval que estavam juntas naquele tempo. No início dos anos 70 chegaram até minhas mãos alguns livros de George Duby e aquele de Jacques Le Goff sobre os intelectuais na Idade Média. Fiquei completamente encantada com este “novo conceito de Idade Média” e, na verdade, de História. Nessa ocasião foi difícil o embate desses novos rumos da história com o que se fazia na Uff. Os debates eram acalorados e havia até um certo grau de patrulha ideológica. Orgulho-me de jamais ferir os meus princípios acadêmicos que me levaram a ficar radicalmente contra a ditadura e me colocar aberta às inovações da história, sobretudo da história medieval. Deixando de lado a

modéstia, fui uma das introdutoras dos grandes medievalistas no Brasil, que bem mais tarde fariam sucesso entre nossos historiadores.

Hoje procuro na Idade Média, não as nossas origens ou raízes como diz Le Goff, mas, sobretudo, procuro entender as grandes linhas ou vetores da ocidentalidade, da qual faço culturalmente parte. Procuro entender como este mundo se traduz em imagens, como criou a experiência urbana que hoje conhecemos, os diferentes sistemas de solidariedade e, por outro lado, entender a manutenção do sistema que sustentou a repressão, a culpa, o trabalho...

O estudo da Idade Média pode contribuir muito com algumas questões atuais, por exemplo, o papel da religiosidade na nossa sociedade, o crescimento da espiritualidade e o crescimento da sacralidade no mundo que se pensa laico. Outra coisa que a Idade Média oferece é a possibilidade de pensar em grandes blocos, a coexistência de poderes dentro destes grandes blocos como foi o caso do Papado e do Império, onde se conjugaram diferentes formas de trabalho. Não quero qualificar se é bom ou ruim, mas o estudo da Idade Média pode ajudar-nos a pensar estes temas. Ainda, nestes tempos de globalização a experiência medieval multi-étnica, esse processo de pluralidade cultural, a pretensão de homogeneização pela cristianização, além da flexibilidade da própria Igreja, são questões importantes para pensar a Idade Média e a atualidade. Principalmente três blocos civilizacionais: o islã, a cristandade e o mundo bizantino que tem um papel decisivo na construção da Europa oriental (mundo Greco-eslavo). A possibilidade de pensar essas questões em longa duração é mais uma especificidade que a Idade Média oferece de interessante.

A estética medieval, tanto na iconografia como na literatura, pertence ao patrimônio da humanidade como herança. Há pouco tempo levada por minha filha a Saint Denis, apesar da pele curtida, não consegui conter a emoção, num lindo dia de sol, ao ver a luz filtrada na catedral gótica. Este “tempo da catedral” pode ser ainda visitado com os nossos olhos, um olho crítico por parte dos historiadores, mas todo mundo pode ver e usar, é de todos nós.

É interessante lembrar do jogo que a história propicia, por exemplo quando, no colóquio do *Scriptorium*, assistimos à apresentação do grupo de música medieval, num trabalho que demonstra a apropriação da herança e da tradição cançãoeira da Idade Média pela música do nordeste brasileiro. Isto é, a música permanece com uma estrutura medieval, porém aborda temas do nordeste, numa utilização contemporânea. O que Jerôme Baschet chama de longa Idade Média. É, certamente, um campo interessante para ser explorado hoje em dia pelos historiadores.

3. Como é trabalhar com história Medieval num país que não viveu, segundo a historiografia clássica, o período da chamada Idade Média?

Complicado.

Acho que nesse ponto posso falar como fonte histórica. Na verdade, sobreviver trabalhando na docência e pesquisa em Idade Média, e que não seja de uma história muito tradicional, foi difícil.

Primeiro, a questão da Idade Média no Brasil:

Acabei de falar da longa Idade Média e a especulação sobre como a permanência dos quadros institucionais e sócio-econômicos do medievo poderiam ter continuado, como diz Jérôme Baschet, na América. Mas devemos estudar Idade Média sem pensar se o lugar de onde se fala viveu ou não aquele período, pois, se isso fosse importante, os americanos não poderiam fazer história do Brasil e os japoneses história da Europa, por exemplo. Eu acho que o olhar de longe das catedrais é muito enriquecedor.

É preciso perceber que uma parte da Idade Média está viva no Brasil como ocidentalidade. Devemos pensar em como nos inserimos nessa cultura e em que medida somos ocidentais. Há pouco fizemos um colóquio que começava na Amazônia, em Manaus, e que falava da Idade Média e desse encontro com a América Latina: falávamos no Amazonas, do quanto a identidade amazonense foi construída a partir desses “sonhos das amazonas” tão estudado por Jacques Le Goff.

Quanto à docência, é preciso formar historiadores de nível, e não aqueles que, no sentido aventureiro, vão falar de Morgana e Merlin ao se referir à história medieval.

Há ainda uma segunda questão: É sobre o pré-conceito de fora. Muitos historiadores tradicionais, principalmente ibéricos, acham que só podemos estudar a Idade Média que se prolonga no Brasil ou na América, preservando o monopólio da pesquisa sobre a Idade Média européia para os historiadores de lá. Felizmente os ares de renovação também alcançaram muitos pesquisadores da Europa e as coisas estão mudando bastante. Falar de estar longe das fontes em plena era da internet, das facilidades de comunicação, facilidade de viagens e de todo tipo de contato permitido pelos satélites é um grande equívoco. O que ainda existe é uma falta de investimento em

especialistas, que, às vezes, tem a ver com um preconceito dos historiadores das universidades brasileiras. Vemos um exemplo disso com a existência ainda hoje de setores juntos de história antiga e medieval. Claro que é importante priorizar a história do Brasil, mas não se deve roubar do estudante a multiplicidade da formação histórica, não só de capacitação para a profissão, mas como refinamento humano. Como função humanista a Idade Média tem uma forte papel de formação.

4. Como anda o interesse nessa área dos alunos de graduação e pós-graduação nos últimos anos?

Tem crescido muito. Na universidade temos uma procura grande para a pós-graduação. A Uff tem um papel muito importante, ela formou grande parte dos medievalistas em atuação nas universidades brasileiras. Isso demonstra como é importante a formação e melhoria do nível.

Por outro lado, na graduação a procura é muito grande. Temos visto um número crescente de estudantes se ligando a laboratórios e núcleos de pesquisa em historia medieval. A cada semestre não temos menos de cinco ou seis monografias no nosso laboratório. Só no biênio 2008/09 o *Scriptorium* formou sete doutores e oito mestres. Uma verdadeira fábrica.

Dos que se formaram nos dois últimos anos, três já estão lecionando em universidades federais, além dos que atuam em outras universidades há mais tempo.

5. Aquele que se dedica ao estudo do período medieval desenvolve um olhar particular sobre a realidade contemporânea? Qual a contribuição da perspectiva do medievalista sobre a sociedade atual?

Temos que pensar na possibilidade de ver no distanciamento do tempo, esse distanciamento que talvez aguce o olhar do historiador, que sempre é permeado pela alteridade. Ele fala a partir de um tempo sobre outro tempo, faz com que sempre seja uma relação de alteridade. Há questões, por exemplo, como as permanências, as rupturas, a longa duração, as estruturas, as temporalidades, a produção do espaço, o imaginário, a representação, o ritmo, o discurso como utopia, a construção de conjuntos civilizacionais... temas que não são exclusivos da Idade Média, mas que o trabalho do medievalista pode trazer grandes contribuições para a própria reflexão da história.

6. Poderia falar um pouco sobre o encontro da Historia com a Filosofia no estudo da Idade Média.

São disciplinas irmãs. Não vejo como desconhecer filosofia medieval sendo medievalista, assim como o oposto também é verdadeiro. Trata-se de um caminho de mão dupla. Sobretudo, um grande encontro se dá no estudo da ética, não confundida com moral. A formação histórica do medievo ocidental se dá a partir da lógica que justifica a própria sociedade a partir da questão da salvação. A Idade Média se inscreve num projeto político onde a própria política é sacralizada e, portanto, ordena todo um sistema de valores, costumes e compreensão do tempo e do espaço a partir disso, esse é um campo onde historiadores e filósofos se encontram. Ou seja, não é só estudar os filósofos medievais, mas é na intercessão entre os campos da história e da filosofia que se produz o encontro importante. Esse é o princípio ordenador da sociedade medieval, de compreensão da própria existência da Idade Média.

Algumas questões devem ser trabalhadas por filósofos e historiadores como os temas em torno das relações entre ética e política no pensamento de Santo Agostinho ou Santo Tomás de Aquino, a percepção do bem coletivo, por exemplo. É importante que a Uff tenha agora seu curso de filosofia que fazia falta, havia uma demanda pelo curso.

Nesta época da aceleração do tempo a meditação filosófica tem um papel muito importante, como instrumento crítico, que capacita o historiador para fazer abstrações, estou falando do ponto de vista do historiador.

7. Poderia falar um pouco sobre seus projetos e interesses atuais.

Continuar e inovar.

Continuar com as atividades do Laboratório, de formação e docência, onde há uma troca profícua de estudantes em vários níveis e, acredito, minha experiência pode ajudar em alguma coisa.

Temos planos de continuar as atividades de encontros e colóquios do Laboratório, sempre unindo pesquisadores de instituições diferentes. Atualmente, temos um grupo de estudo de imagens através do Livro de Horas de Dom Fernando, cujo facsímile está sendo publicado pela Biblioteca Nacional. A partir deste manuscrito sairá um livro, editado com a Biblioteca Nacional, contendo um estudo crítico meu sobre o manuscrito.

Nosso grupo tem tido uma preocupação grande com ensino da Historia medieval no Brasil, os participantes têm feito uma reflexão que vem se realizando e se concretizará em artigos e textos futuramente.

8. Quais seriam os conselhos que daria para quem está se aproximando desta área do conhecimento?

Acho que a opção por Idade Média requer, sobretudo, uma boa formação em História, Antropologia, Língua, sem fazer disso um empecilho. Não para desanimar, mas como todo o historiador, é necessário que tenha uma boa formação em línguas. A formação específica do medievalista não é só o latim e o grego, mas a língua toscana, o português arcaico, e algumas formações específicas para o que se quer trabalhar. Porém, antes de se aventurar em grandes vôos é preciso ler os clássicos, os medievalistas dos *Annales* e também os historiadores contemporâneos como Mary Carrutgers, Peter Brown ou Caroline Byron. É preciso ter uma formação erudita, o que significa ler os clássicos. Sérgio Buarque dizia que não acredita em um historiador que não leu os clássicos como, por exemplo, Dante ou Boccaccio. Não é preciso ser uma *expert*, mas tem que conhecer alguma coisa.

Acho que hoje existe uma especialização muito precoce, muitas vezes ainda na graduação, o que atrapalha uma formação mais genérica na disciplina história. Porque ser medievalista significa ser historiador e conhecer questões de outros tempos, assim como o inverso é verdadeiro, e aquele da área de contemporânea deve conhecer Idade Média.

Acho importante ligar-se a laboratórios e núcleos de pesquisa e, apesar de hoje a pressão pela aceleração do tempo exigir pressa, acho que a formação do medievalista deve ser mais guiada pelo “tempo da Igreja” do que pelo “tempo do mercador”. Seguindo os conselhos de Boécio aprendemos que é preciso ler os clássicos, mastigá-los, colocá-los na arca do *Tesaurus* e só assim estão prontos para serem incorporados.

Embora haja uma pressão para publicar e, de fato o exercício da escrita é importante, acredito que só publicar por publicar, on line, sem ter muito o que dizer não é bom. No que pese a importância de freqüentar congressos e colóquios, a questão para o estudante não devia ser: Sobre o que poderia falar? Qual trabalho apresentar? Ou seja, o importante não devia ser estar diante dos focos, sem ouvir o outro e apenas apresentando algo improvisado visando pontos no currículo. Isso tem a ver com a produtividade engajada no sistema capitalista, quando nosso tempo não é esse. Devo dizer que sou internauta e encantada com as conquistas da contemporaneidade, mas também posso ser crítica com isso tudo.